

## **Vírgulas em esquema duplo em textos argumentativos: aspectos sintáticos e prosódicos**

### **Commas in double scheme in argumentative texts: syntactic and prosodic aspects**

Luciani Tenani<sup>1</sup>, Nayra Paiva<sup>2</sup>,

*Universidade Estadual Paulista, Brasil*

#### **RESUMO**

Este texto tem por objetivo descrever e analisar sintática e prosodicamente usos da vírgula em esquema duplo, caracterizados por vírgulas nas fronteiras de estruturas deslocadas e encaixadas sintaticamente. Identificamos 381 dados em 205 textos argumentativos, de alunos de 13-14 anos. A análise prosódica foi feita segundo o modelo *relation-based* da Fonologia Prosódica. Investigamos o papel das fronteiras de frase entoacional nos usos das vírgulas. Foram observados 69% de casos de ausências de vírgulas em ambas as fronteiras sintáticas e 18,4% de ausências em uma das fronteiras. Apenas em 12,6% dos casos foi observado o uso convencional de vírgulas. Em 57,8% dos dados, as fronteiras de frase entoacional foram identificadas. Demonstramos o papel da organização prosódica dos usos de vírgulas nos contextos analisados.

#### **PALAVRAS-CHAVE:**

Vírgula. Pontuação. Sintaxe. Prosódia. Língua Portuguesa.

#### **ABSTRACT**

This paper aims to describe and analyze syntactic and prosodically the uses of the comma in a double scheme, which is characterized by commas at the boundaries of dislocated and embedded syntactic structures. We identified 381 data in 205 argumentative texts, from students aged 13-14. The prosodic analysis was based on relation-based model of the Prosodic Phonology (REF). We investigated the role of intonational phrase boundaries in the commas uses. We observed 69% of cases of missing commas in both syntactic boundaries and 18,4% at one of the boundaries. Only in 12,6% of the cases, the use of commas at both boundaries was observed. In 57,8% of data, the intonational phrase boundaries were identified. We demonstrated the role of the prosodic organization for the use of commas in the contexts analyzed.

#### **KEYWORDS:**

Comma, Punctuation. Syntax. Prosody. Brazilian Portuguese.

*Recebido em: 29.08.2020.*

*Aceito em: 28.12.2020.*

<sup>1</sup> E-mail: [luciani.tenani@unesp.br](mailto:luciani.tenani@unesp.br) | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8487-0825>

<sup>2</sup> E-mail: [nayra.paiva@unesp.br](mailto:nayra.paiva@unesp.br) | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3633-3571>

## 1. Introdução

Neste estudo, o objetivo principal é identificar e descrever presença e ausência de vírgulas em esquema duplo em textos argumentativos de alunos de 13-14 anos, à época da coleta, que cursavam o nono ano do Ensino Fundamental II (EF II). Vírgulas em esquema duplo são caracterizadas pela presença do sinal em duas fronteiras sintáticas, como nas fronteiras da estrutura destacada, em “O aquecimento global é um problema que, *a cada dia*, vem aumentando”. A investigação desse uso de vírgula de uma perspectiva linguística é motivada nos resultados de Carvalho (2019) que constatou baixa porcentagem de presença de vírgulas, em esquema duplo, em textos do gênero relato ao longo do EF II. Neste artigo, descreveremos regularidades quanto às presenças (convencional e não convencional) e ausências (não convencionais) desse sinal de pontuação em estruturas sintáticas em que vírgulas deveriam ser empregadas. A partir da descrição sintática dessas estruturas e fundamentadas em algoritmos de formação de constituintes prosódicos, serão feitas análises de potenciais relações entre fronteiras sintáticas e prosódicas relevantes para caracterizar as presenças e as ausências de vírgulas nos textos analisados.

A abordagem das vírgulas adotada se distancia dos estudos que buscam na materialidade fônica dos enunciados, notadamente na realização dos elementos prosódicos pausa e entoação, motivação para a presença ou a ausência do sinal gráfico na escrita, como Catach (1994), referência da escola francesa, Chafe (1987), destaque no cenário norte-americano, e Pacheco (2003), exemplo da abordagem no contexto brasileiro. Também nos afastamos de outra abordagem que toma exclusivamente as estruturas sintáticas como bases para a caracterização e a prescrição dos usos vírgulas, como Anis (1983), no cenário francês, e Luft (1998), no cenário nacional. Alternativamente, a proposta do presente trabalho promove uma visão que parte da estrutura sintática dos enunciados escritos para estabelecer relação com a organização prosódica dos enunciados. Desse modo, a polaridade entre as abordagens sobre a vírgula (uma vinculada a características prosódicas da fala e outra à organização sintática da escrita) cai por terra com a vantagem de articular características sintáticas e prosódicas dos enunciados aos usos da vírgula, seja quando presente, seja quando ausente esse sinal nos textos escritos.

Na próxima seção, detalhamos essas abordagens sobre as vírgulas e situamos esta proposta frente às demais e, ainda, caracterizamos esta pesquisa em relação a outras que analisam textos produzidos em ambiente escolar. Na seção seguinte, apresentamos a natureza do

material pesquisado e as decisões metodológicas tomadas no decorrer da investigação. Passamos, na seção 3 “Descrição e análise de dados”, à descrição de tendências por meio de dados quantitativos e à caracterização das presenças e ausências da vírgula levando em consideração estruturas sintáticas e fronteiras prosódicas. Encerramos este texto com as considerações finais, apontando contribuições e desafios aos investigadores do tema.

## 2. Abordagens sobre vírgula e prosódia

No que se refere ao objeto deste estudo, a vírgula, segundo Dahlet (2006, p. 143), é o sinal de pontuação mais complexo: além de ser o sinal sintático por excelência, é o único que funciona tanto em esquema duplo quanto em esquema simples e, também, capaz de atuar simultaneamente em amplitudes intra e interfrástica. Dessa complexidade, recortamos a investigação dos usos de esquema duplo em textos do EF II. Seguindo Dahlet (2006), exemplificamos em (1) estruturas em que duas vírgulas são empregadas e, nesse caso, configuram-se *vírgulas em esquema duplo*; em oposição, em (2), uma vírgula deve ser empregada e, nesse caso, configura-se *vírgula em esquema simples*. Ambos os exemplos são extraídos dos textos<sup>3</sup> analisados, a serem descritos na seção “Material de análise e Metodologia”.

- (1) Um estudo realizado a pedido do secretário-geral da Organização das nações unidas, Kofi Annan, alerta (Z08\_8C\_03F\_05).
- (2) Em primeiro lugar, podemos colocar as atitudes diante dos lixos (Z08\_8C\_01F\_05).

O uso das vírgulas em esquema duplo é definido a partir do conceito de hierarquização de partes do enunciado, e, em esquema simples, a partir do conceito de segmentação do enunciado. Constata-se que, em (1), “Kofi Annan” é delimitado por vírgulas, uma informação parentética em relação ao contexto precedente, ou seja, há hierarquia entre os trechos delimitados por vírgulas em relação ao que lhe precede e segue; já em (2), “em primeiro lugar” é uma estrutura deslocada quanto à ordem sintática direta da sentença e a vírgula, portanto, sinaliza a segmentação da sentença em duas partes.

Outro aspecto a sublinhar é o funcionamento das vírgulas no nível da frase e do texto,

---

<sup>3</sup> Cada texto do banco é identificado por meio de código com as seguintes informações: escola, ano letivo, turma, número e sexo do aluno e número da proposta. No exemplo “Z08\_8C\_03F\_05”, lê-se: Zulmira, 2008, oitava C, aluna 3, sexo feminino, proposta 5.

segundo Dahlet (1995). No que se refere à pontuação no nível da frase, a vírgula é um dos sinais de frase porque é empregada no domínio da sentença; já no nível do texto, “ela remete ao conjunto de brancos que dão forma ao texto” (Dahlet, 1995, p. 33). Nota-se que a vírgula se contrapõe ao branco, isto é, a ausência de sinal gráfico, quando considerado o nível do texto. Essa dimensão textual do funcionamento da vírgula será considerada no desenvolvimento desta pesquisa por meio das presenças e ausências do sinal gráfico (como será descrito na seção “Material de análise e metodologia”). Essa é uma concepção mais abrangente do que aquela encontrada em gramáticas de referência, como as que, frequentemente, embasam livros didáticos, por exemplo.

Ao traçar um panorama histórico, Rocha (1997) relata que a pontuação já foi subordinada à leitura em voz alta e, por conseguinte, à respiração, prática importante para compreensão de certas concepções da vírgula ainda vigentes, como associar vírgulas à pausa para respirar. Na história dos usos da vírgula, também há registros de usos associados ao estilo de escrita dos homens das letras no século XIX até o momento em que outra tradição se instaura com a atuação dos gramáticos que buscam estabelecer normas e padronização. Portanto, os usos relacionados ao estilo do escritor, que contribui para a identidade de autor, passam a conviver ou a entrar em conflito com os usos prescritos por gramáticas, que garantiriam a legibilidade do texto ordinário, ou não literário. Nessa história, encontra-se, pois, muito da plurifuncionalidade da vírgula, em particular, e dos sinais de pontuação, de modo amplo.

Ressaltamos dessa história que os usos da vírgula, bem como dos demais sinais de pontuação, são fortemente orientados em função de legibilidade: sentidos estariam assegurados quando empregadas as vírgulas segundo prescrição gramatical. Entretanto, Dahlet (1995) questiona essa concepção e defende ser preciso adotar uma perspectiva enunciativa a fim de assegurar a compreensão de usos da vírgula de modo amplo. Segundo a autora, o ato de pontuar está ligado à construção de sentidos dos enunciados e, por isso, é inerente ao ato de enunciar (Dahlet, 1995, p. 339).

Considerando essa constituição histórica do sistema de pontuação, Soncin (2014), a partir de Dahlet (2006), sistematiza em duas tendências as abordagens: a tradição fonocentrista e a tradição autonomista, sendo a primeira caracterizada pela ênfase na relação do sinal gráfico com a fala, e a segunda, pela autonomia do sinal gráfico em relação à fala. Como Soncin (2014, p. 25), destacamos que essas tendências se contrapõem quanto ao tratamento dado à prosódia. Passamos a breves considerações acerca das duas tendências, detalhando aspectos da relação

entre fala e escrita subjacentes a essas abordagens sobre os sinais de pontuação, incluindo a vírgula.

Na tradição fonocentrista, a pontuação era tida como subordinada à leitura em voz alta e, portanto, o papel de orientar a leitura era atribuído à pontuação. Nessa tradição, a escrita é vista como um reflexo da fala e, portanto, há uma relação direta entre pontuação e características prosódicas da fala. O início do século XIX, período do surgimento da Imprensa Francesa, marca a mudança no modo de leitura; já não se prioriza a leitura em voz alta, mas sim a leitura silenciosa. Essa mudança se explica, segundo Dahlet (1995, p. 338): “[...] por uma melhor formação dos leitores cada vez mais numerosos, mas principalmente pela evolução sociológica do impresso [...]”. Por conseguinte, é nesse período que se identifica o surgimento da tradição autonomista da pontuação. Nessa tradição, passa-se a considerar uma relação dicotômica entre fala e escrita, ou seja, a escrita é tida como sistema autônomo em relação à fala, regido por regras próprias.

Após fazer uma sistematização crítica dessas tradições, Soncin (2014) lança luz sobre as fragilidades teóricas quanto à investigação dos sinais de pontuação, em especial, da vírgula, pois, para a autora, há: “[...] em todas as perspectivas apontadas [...] uma lacuna teórica que consiste na rejeição de que a prosódia é um componente do sistema linguístico e, portanto, que se faz presente em todo e qualquer uso da língua [...]” (Soncin, 2014, p. 38).

Assim como para Soncin e Tenani (2015), a prosódia é aqui concebida como parte da estrutura linguística, a partir da abordagem formalizada no modelo da Fonologia Prosódica proposto, inicialmente, por Nespor e Vogel (1986). Esse modelo teórico propõe que a estrutura prosódica é formada por sete constituintes hierarquicamente organizados, a saber: sílaba, pé, palavra fonológica, grupo clítico, frase fonológica, frase entoacional e enunciado fonológico. Cada um desses constituintes é formado por um algoritmo específico, tendo em conta a interface com os demais domínios da gramática, particularmente, a interface sintaxe-fonologia. Desse modelo, assumimos a premissa de que características prosódicas das línguas são estruturadas em constituintes que não são isomórficos aos demais constituintes linguísticos.

Essa concepção fonológica da prosódia é a base também de trabalhos anteriores (Araújo-Chiuchi, 2012; Soncin, 2014; Carvalho, 2019) sobre os usos da vírgula em textos do EF II no Brasil. Esses estudos argumentam que são relevantes três constituintes da hierarquia prosódica, a saber: frase fonológica (também nomeado sintagma fonológico); frase entoacional (também denominado sintagma entoacional) e enunciado fonológico. Desse domínios, abordaremos a frase entoacional, domínio a ser definido na próxima seção.

Antes de avançar para o detalhamento sobre os constituintes prosódicos relevantes a esta abordagem da vírgula, faz-se necessário explicitar a premissa ora assumida de que a relação entre pontuação e fonologia é de representação simbólica, o que implica certa concepção da relação entre fala e escrita para abordar e conceber a pontuação, de modo amplo, e a vírgula, de modo particular.

Evidências do papel estruturador da organização prosódica (de natureza fonológica) para a colocação de vírgulas são arroladas por Soncin (2014) com base em análise de amostra de textos argumentativos do EF II. A autora concluiu que: “independentemente do modo como se emprega a vírgula, seja não convencionalmente pela presença ou pela ausência, seja convencionalmente pela presença, o uso desse sinal delimita unidades prosódicas que compõem significativa e formalmente a escrita” (Soncin, 2014, p. 150). Na mesma direção, argumentaram Soncin e Tenani (2015), ao analisarem usos não convencionais da vírgula. O trabalho demonstrou que esses usos não são aleatórios, mas, pelo contrário: “se caracterizam por regularidade quanto à organização prosódica que revelam nuances dos processos simbólicos que atuam na escrita, tendo em vista o processo histórico de produção dos sentidos a que respondem” (Soncin e Tenani, 2015, p. 481). Vale explicitar que pontuar um texto coloca em jogo, da perspectiva assumida, representações de características linguísticas (como fronteiras sintáticas e prosódicas) ao lado de usos da vírgula previstos ou imaginados pelo escrevente (nos termos de Correa, 2004) no processo de produção de sentidos.

Comungando dessa mesma abordagem sobre prosódia e vírgula, Carvalho (2019) descreve e analisa longitudinalmente textos do gênero relato. A pesquisadora disserta sobre as tendências e regularidades quanto aos usos da vírgula nesses textos, levando em consideração variáveis como ano letivo, tipo de estrutura sintática e tipo de combinação de presença-ausência da vírgula. Esse estudo mostrou que quanto mais anos letivos, mais empregos da vírgula, mas apenas pequena parte desses empregos passa de não convencionais a convencionais. Essa pequena parte refere-se aos usos da vírgula em estruturas de enumeração e de coordenação de sentenças. Os usos não convencionais para esses tipos de estrutura são maiores nos anos iniciais e, nos anos finais, esses usos diminuem, aumentando os usos convencionais nas estruturas em questão. No entanto, um grande conjunto de usos não convencionais da vírgula foi observado quando estruturas sintáticas demandam vírgulas em esquema duplo. Carvalho (2019) identificou que, diferentemente do esquema simples de uso da vírgula, as médias de uso convencional e não convencional para o esquema duplo de vírgulas se distanciam entre si, sendo o uso não convencional superior ao

convencional. Dessa forma, Carvalho (2019) constata que, nos dois anos iniciais do EF II, não ocorrem estruturas em que vírgulas em esquema duplo deveriam ser empregadas e, nos dois anos finais, emergem essas estruturas, mas não são usadas as vírgulas em esquema duplo nesses textos.

Em suma, esses estudos de Carvalho (2019) e Soncin (2014) demonstraram que usos convencionais e não convencionais da vírgula podem ser associados a fronteiras de frases entoacionais. Esses estudos mostram, entretanto, que as vírgulas convencionais delimitam unidades prosódicas que são isomórficas em relação às unidades sintáticas, já as não convencionais delimitam unidades prosódicas não isomórficas à fronteira sintática. Em relação a esses estudos, esta proposta se particulariza por fazer um recorte dos usos de vírgula em esquema duplo enquanto objeto linguístico de investigação a ser descrito e analisado transversalmente em textos do gênero argumentativo. Esse recorte segue as linhas gerais dos trabalhos de Soncin (2014), que analisou características dos usos de vírgulas em textos argumentativos do último ano do EF, e Carvalho (2019), que analisou vírgulas em esquema simples e duplo em textos do gênero relato selecionados de uma amostra longitudinal do banco de escrita do EF II.

Buscaremos, pois, avançar em relação ao conjunto de descrição de dados do EF II ao restringir a análise a estruturas em que há vírgulas em esquema duplo, uma vez que está em jogo certa complexidade sintática e semântica (como será demonstrado na seção “Material de análise e metodologia”) em interação com a configuração prosódica dos enunciados, que é relevante de ser identificada e explicitada de uma perspectiva linguística e, ainda, de modo didático, a alunos do EF II, como argumentaremos na seção de análise e descrição de dados.

### **3. Material de análise e metodologia**

Os 205 textos aqui analisados foram selecionados da amostra transversal do Banco de Dados de Produções Escritas do EF II (Tenani, 2015), organizado com auxílio financeiro da FAPESP e disponível gratuitamente em: <http://www.gdb.ibilce.unesp.br/redacoes>. Os 5.519 textos do banco, produzidos por 622 alunos, foram coletados no decorrer do desenvolvimento do projeto de extensão universitária da Universidade Estadual Paulista (UNESP), intitulado “Desenvolvimento de oficinas pedagógicas de leitura, interpretação e produção textual no Ensino Fundamental”. Esse projeto de extensão, credenciado e financiado pela Pró-Reitoria de extensão (PROEx) da UNESP, ocorreu de 2008 a 2011, em uma escola estadual, localizada no município de São José do Rio

Preto, noroeste paulista. Os textos foram escritos em sala de aula pelos alunos (com consentimento dos responsáveis), como parte das atividades desenvolvidas pela universidade em parceria com direção, coordenação e docentes de língua portuguesa da escola. Portanto, os textos ora em análise não foram produzidos para fins desta pesquisa e, exatamente por essa condição de produção, permite flagrar características dos textos escolares.<sup>4</sup>

As 26 propostas textuais do banco foram elaboradas com base na tipologia textual prevista para cada ano letivo de acordo com a Proposta Curricular do Estado de São Paulo (2008). Neste artigo, duas propostas (desenvolvidas uma no primeiro e outra no segundo semestre do nono ano) sobre dois diferentes temas (Internacionalização da Amazônia; Destruição do Planeta Terra) foram selecionadas por solicitarem o gênero artigo de opinião, um dos gêneros valorizados pela Proposta Curricular do Estado.

No que diz respeito à tipologia e gêneros textuais, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) - documento de referência em vigência à época do desenvolvimento do projeto - orientavam o trabalho com os gêneros notícias, editoriais, artigos de opinião, e cartas argumentativas, no último ano do EF. Em consonância com os PCNs, a Proposta Curricular do Estado de São Paulo (2008), no que tange à Língua Portuguesa no Ensino Fundamental (Ciclo II), propõe o estudo do texto para o ensino de conteúdos e o desenvolvimento de habilidades e competências de leitura e escrita em língua materna.<sup>5</sup>

Destacamos do documento do Estado que pontuação e artigo de opinião são conteúdos programáticos a serem desenvolvidos em três dos quatro bimestres em que estão organizados os conteúdos do novo ano. Ao considerar esse conteúdo programático sobre o ensino de funcionamento sintático da vírgula, temos a expectativa de encontrar, nos textos do nono ano, estruturas sintáticas em que vírgulas devem ser empregadas em esquema duplo, como definido por Dahlet (2006). Essa expectativa é também embasada nos resultados descritos por Carvalho (2019) acerca dos usos das vírgulas (em esquema simples e duplo) ao longo do EF II, a partir de

---

<sup>4</sup> Detalhes do projeto e da constituição do banco de textos encontram-se descritos em Tenani e Longhin-Thomazi (2014). Os textos na íntegra estão gratuitamente disponíveis on-line por meio do sistema de gerenciamento do banco já mencionado.

<sup>5</sup> A investigação da relação entre vírgula e gênero argumentativo está articulada não somente aos conteúdos programáticos da Proposta Curricular do Estado de São Paulo, mas também às metas de melhoria da Educação na linha do que está previsto no Objetivo “Educação de Qualidade”, pela Agenda 2030 da UNESCO. Dentre as metas para alcançar esse Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS), está previsto o acesso, por meninas e meninos, a ensino primário e secundário de qualidade que conduza a resultados de aprendizagem relevantes e eficazes. Alcançar ensino de qualidade em Língua Portuguesa é meta a ser atingida no estado, haja vista a proporção de alunos que atingiram os níveis básico e adequado na Prova Brasil em 2015, como descrito no Primeiro Relatório de Acompanhamento dos Objetivos de Desenvolvimento do Estado de São Paulo (São Paulo, 2019, p. 33-41).

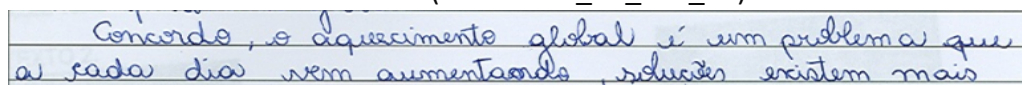


análise de textos do gênero relato. Essa autora aponta que as estruturas sintáticas mobilizadas para usos de vírgula em esquema duplo ocorrem nos oitavos e nonos anos, sendo predominante neste último.

Essa escolha também encontra ancoragem em Soncin (2014) que analisou os usos das vírgulas (esquema simples e duplo) em textos dos gêneros artigo de opinião e carta argumentativa. Ao considerar as condições enunciativo-discursivas de textos do EF II, a autora explora as relações locutor/escrevente e interlocutor/leitor mobilizadas a partir dos usos da vírgula nos textos selecionados. Nessa análise, a autora demonstra que “[...] as vírgulas são empregadas de modo a delimitarem unidades que compõem os sentidos dos enunciados segundo o funcionamento discursivo que eles adquirem [...]” (Soncin, 2014, p. 133). Ela notou que, nesses textos, as vírgulas contribuem para sinalizar o posicionamento do locutor em relação ao interlocutor e ao que se escreve, além de indicar sua ancoragem em práticas orais/faladas de cunho retórico-argumentativo. Neste artigo, não desenvolveremos análise de viés textual-discursivo (a ser feito em futuro próximo), e exploraremos a análise das estruturas sintáticas e prosódicas, buscando demonstrar relação da vírgula com práticas orais e enunciados falados.

Para realizar a análise sintática, classificamos as estruturas em dois tipos: (i) deslocadas e (ii) encaixadas de termos e/ou orações subordinadas e/ou coordenadas. Entendemos por deslocamento, estruturas sintáticas compostas por elementos deslocados à esquerda em relação à ordem canônica da oração principal. Já por encaixamento, quando identificamos termos e/ou orações encaixados em uma oração principal. As figuras (1) e (2) exemplificam, respectivamente, estruturas sintáticas deslocadas e encaixadas, encontradas no material analisado. Em (1), a estrutura “a cada dia” está deslocada da ordem sintática direta e, por esse critério sintático deveria estar entre vírgulas; em (2), a estrutura “graças às suas árvores” está encaixada e, assim, deveria estar delimitada por vírgulas.

Figura 1 - Exemplo de ausência não convencional da vírgula em esquema duplo em contexto sintático de estrutura deslocada (Texto: Z08\_8B\_04F\_05)

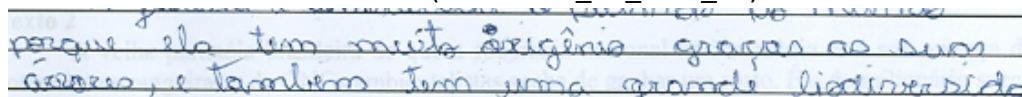


Concordo, o aquecimento global é um problema que a cada dia vem aumentando, soluções existem mais

Fonte: Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II (Tenani, 2015).

Leitura da Figura 1: Concordo, o aquecimento global é um problema que *a cada dia* vem aumentando, soluções existem mais

Figura 2 - Exemplo de ausência não convencional da vírgula em esquema duplo em contexto sintático de estrutura encaixada (Texto: Z08\_8B\_34M\_02)



Fonte: Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II (Tenani, 2015)

Leitura da Figura 2: porque ela tem muito oxigênio *graças as suas árvores*, e também tem uma grande biodiversida[de].

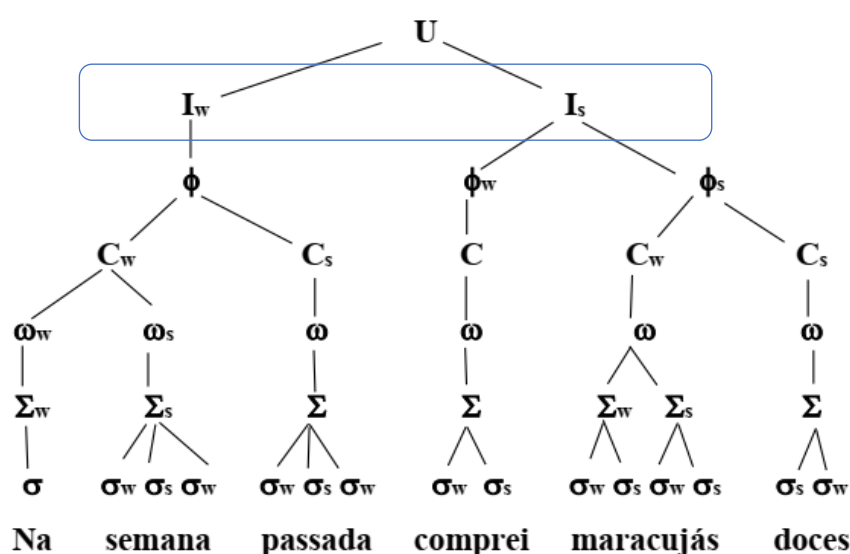
Cabe tratar, ainda, da classificação dos dados em relação às fronteiras prosódicas previstas a partir das fronteiras sintáticas em que vírgulas estão presentes. Nos exemplos, a seguir, independentemente de haver ou não vírgulas, as fronteiras sintáticas correspondem a fronteiras de frase entoacional, como indicado (onde “I” indica frase entoacional, a partir do inglês *intonational phrase*). Listamos ocorrências em que as quatro possibilidades de presença e ausência de vírgulas se combinam, a saber: (i) **presença-presença**, quando há vírgula nas duas posições previstas pela convenção, como em (3); (ii) **presença-ausência**, quando se tem vírgula apenas na primeira posição, como em (4); (iii) **ausência-presença**, quando há vírgula apenas na segunda posição, como em (5); (iv) **ausência-ausência**, quando não se tem as duas vírgulas previstas pela convenção, como em (6), sendo a ausência indicada pelo símbolo “vazio”: ∅.

- (3) encontramos o nosso professor, [que estava de férias com sua família, ]<sub>I</sub> ele decidiu nos ajudar com o inglês. (Z08\_8A\_11M\_06).
- (4) de Sírio Possenti, [professor de Linguística da Unicamp]<sub>I</sub> ∅ “uma coisa é” (Z08\_8A\_11M\_04).
- (5) Aumentando ∅ [assim,]<sub>I</sub> os problemas, catástrofes e destruição da Terra. (Z08\_8C\_12F\_05).
- (6) não lembrou e ∅ [no dia seguinte]<sub>I</sub> ∅ nem se desculpou (Z08\_8A\_11M\_01).

Cabe explicitar que uma frase entoacional (I) é definida a partir de um algoritmo de formação que, em sua essência, estabelece a interface entre sintaxe e fonologia, como proposto, inicialmente, por Nespor e Vogel (1986). Por meio do algoritmo de formação de I proposto para o Português por Frota (2000), é definido o tipo de informação gramatical relevante para a identificação desse constituinte. Estudos anteriores a este que adotaram o mesmo arcabouço teórico (Araújo-Chiuchi, 2012; Soncin, 2014) argumentam que I é o principal constituinte prosódico

que tem relação com o emprego da vírgula em textos escritos em Português Brasileiro. Outros dois constituintes, a saber: a frase fonológica ( $\phi$ ) e o enunciado fonológico (U), também se mostraram pertinentes para descrever a natureza das fronteiras prosódicas em que vírgulas são usadas, convencionalmente ou não. Neste artigo, exploramos dados em que foram relevantes as fronteiras de I apenas. Na figura<sup>6</sup> a seguir, visualiza-se a hierarquia prosódica tal como inicialmente proposta por Nespor e Vogel (1986) a fim de se identificar o domínio da frase entoacional (também denominado por sintagma fonológico) considerado na análise. Detalhes sobre como é feita a identificação desse constituinte serão apresentados mais à frente nesta seção.

Figura 3 - Hierarquia prosódica segundo Nespor e Vogel (1986)



Fonte: Tenani (2016, p. 79)

No Quadro 1, sistematizamos os critérios de classificação de dados que adotamos na pesquisa que conduzimos. Por meio desses critérios, buscamos identificar regularidades quanto à presença e ausência de vírgulas, tendo em consideração estruturas sintáticas e fronteiras prosódicas, como anteriormente tratadas. Neste artigo, das fronteiras prosódicas consideradas, relataremos os resultados relativos à de frase entoacional, tendo em vista sua relevância para a descrição dos usos de vírgula.

<sup>6</sup> A figura extraída de Tenani (2016, p. 79) exemplifica com dados do Português a versão clássica da hierarquia prosódica de Nespor e Vogel (1986).

Quadro 1 – Critérios de classificação de dados

Critérios	Fatores
Combinação de possibilidades de vírgulas	Presença-presença
	Presença-ausência
	Ausência-presença
	Ausência-ausência
Estruturas sintáticas	Deslocadas
	Encaixadas
Fronteiras prosódicas	Frase fonológica
	Frase entoacional
	Enunciado fonológico

Fonte: Elaboração própria.

Passamos a tratar das decisões metodológicas tomadas para identificação e classificação dos dados de vírgula em esquema duplo.

Iniciamos a pesquisa assumindo o direcionamento analítico que é definir os usos da vírgula a partir da sintaxe dos enunciados escritos. Partimos da constatação de que é privilegiada a estrutura sintática para definir a colocação do sinal gráfico na tradição de ensino no Brasil e, assim, a classificação do uso da vírgula quanto à convenção em gramáticas de referência, como Cunha e Cintra (2001), Rocha Lima (1986), Bechara (1999). Tomamos esse direcionamento para que este trabalho possa ter um ponto de partida que propicie dialogar com instituições escolares (professores, alunos), demonstrando, em seguida, que o emprego da vírgula tem funcionamento mais abrangente do que aquele tradicionalmente abordado em material escolar.

Após a leitura de todos os textos selecionados, identificamos as estruturas sintáticas deslocadas e encaixadas tomando como referência a *Moderna Gramática Portuguesa* de Bechara (1999). Essa escolha é feita com base nas características dessa gramática descritas por Soncin (2008). Essa autora comparou quatro obras que prescrevem o uso das vírgulas, a saber: Bechara (1999), Luft (1998), Rocha Lima (1986), Cunha e Cintra (2001) e descreveu quais são as diferenças entre elas quanto às prescrições de emprego de vírgulas a partir de critérios sintáticos principalmente. Dessa caracterização, interessa-nos retomar que a gramática de Bechara (1999), e edições subsequentes, tem o traço de considerar potenciais relações entre fala e escrita ao tratar

dos usos da vírgula, o que favorece o tipo de investigação ora proposto.

No primeiro momento, a análise sintática foi tomada como um procedimento geral para seleção e exclusão de dados. Quando, a depender da nossa interpretação, a classificação sintática poderia mudar, ora estrutura deslocada ora encaixada, a ocorrência foi excluída da análise apresentada aqui.

Ainda, a análise sintática não foi suficiente para classificar todos os dados de vírgula em esquema duplo, uma vez que alguns deles permitiam mais de uma interpretação, como os dados considerados ambíguos pelas pesquisadoras.<sup>7</sup> Para esses casos, os seguintes procedimentos metodológicos foram tomados: primeiramente, consideramos a organização textual dos enunciados e o funcionamento não só sintático, mas também semântico das estruturas relevantes. Exemplo desse procedimento foi considerar o funcionamento discursivo e não apenas gramatical de advérbios como *agora*, com base nas reflexões feitas sobre o funcionamento na gramática do português falado (CASTILHO, 2010), pois essa obra foi tomada por referência para problematizar certos funcionamentos dos enunciados. Passamos ao exemplo abaixo:

(7) A Amazônia *agora* não é mais propriedade nossa quase metade das terras é estrangeira. (Texto: Z08\_8A\_01F\_02)

Em (7), o advérbio “*agora*”, a princípio, poderia ser classificado, sintaticamente, como deslocado, tendo em vista que foge à sua posição na ordem canônica da sentença no português que, nesse exemplo, está estabelecido entre o sujeito “A Amazônia” e o verbo “é”. Entretanto, na leitura do texto do aluno, identificamos que o advérbio não tem a função de marcar tempo, mas de estabelecer uma oposição semântica entre o tempo da enunciação indicado por “*agora*” em relação ao tempo do passado, explicitado por meio do adjetivo “*velho*” presente no parágrafo anterior.<sup>8</sup> Nesse contraste temporal entre passado *versus* presente, constata-se um uso enunciativo-discursivo do advérbio “*agora*”. Essa interpretação toma por base as considerações de Ilari (2007) acerca da categoria do advérbio: “[...] Passando da dêixis para anáfora e para as

---

<sup>7</sup> Cabe explicitar que uso de juízes para validar nossa análise se mostrou pouco eficaz para os objetivos propostos. Em estudo piloto feito com licenciando em Letras, identificamos grande variação na identificação de onde vírgulas deveriam ser colocadas. Entrevistamos os participantes do estudo e identificamos outra frente de investigação (ora em curso) sobre (des)conhecimento de regras gramaticais e dúvidas na identificação de ausências de vírgulas em textos do EF II.

<sup>8</sup> O parágrafo em que “*velho*” ocorre é: “A velha paranóia brasileira de que a soberania nacional da Amazônia está sob ameaça de potências estrangeiras. É o do milionário sueco Johan Eliasch. Eliasch compro 160.000 hectares de terras”. (Texto: Z08\_8A\_01F\_02)

operações discursivas, há um progressivo esvaziamento da dimensão espaço-temporal, na medida em que o discurso se torna a dimensão de referência” (2007, p. 156). Dessa forma, argumentamos que esse funcionamento discursivo do advérbio “agora”, observado em enunciados falados, também ocorre em textos do EF II. Considerado esse funcionamento, classificamos “agora” como estrutura encaixada.

Os procedimentos metodológicos até aqui descritos foram essenciais para o levantamento e classificação dos dados quanto à estrutura sintática. Passaremos aos procedimentos adotados para a investigação de fronteiras prosódicas relacionadas aos diferentes empregos da vírgula. Não obstante, vale ressaltar que, assim como na identificação de fronteira sintática, partimos, também, na análise prosódica, da sintaxe para a definição de estruturas fonológicas, ou seja, o eixo orientador dessa pesquisa é a formação de constituintes prosódicos a partir de constituintes sintáticos. Assim, identificamos constituintes prosódicos, a partir das fronteiras sintáticas inicialmente identificadas para caracterização da estrutura em que vírgulas em esquema duplo deveriam ser empregadas.

Primeiramente, a fim de identificar as fronteiras prosódicas relevantes para esta investigação, partimos de Soncin (2014) e Carvalho (2019) que demonstraram a relevância das fronteiras da frase entoacional em relação às demais fronteiras de constituintes prosódicos. Como essas autoras, levamos em consideração o algoritmo de formação desse constituinte prosódico, proposto inicialmente por Nespor e Vogel (1986), e ajustes desenvolvidos para o português por Frota (2000), além da caracterização prosódica feita para o português brasileiro por Tenani (2002). Nesse arcabouço teórico denominado por *relation-based*, os algoritmos para formar os domínios prosódicos são definidos a partir de relações sintáticas.<sup>9</sup> Passemos ao algoritmo de formação de I proposto por Frota (2000). Observamos que, no algoritmo de formação, a frase fonológica (também nomeada por sintagma fonológico) é identificada pela letra grega “ $\phi$ ”, a qual não se confunde com o símbolo matemático para vazio “ $\emptyset$ ” usado neste artigo para indicar a ausência da vírgula. Neste artigo, não trataremos desse domínio em razão dos objetivos deste artigo.

#### **Formação de Frase Entoacional (I):**

**Domínio I:** (i) todas as  $\phi$ s adjacentes em uma cadeia em que não estão estruturalmente ligadas à sentença raiz (ou seja, expressão em parênteses, *tag questions*, vocativos, etc.); (ii) qualquer sequência restante das  $\phi$ s adjacentes numa sentença raiz; (iii) o domínio de um contorno entoacional, cujos limites

---

<sup>9</sup> Neste estudo, não tratamos da distinção entre dois dos principais modelos da Fonologia Prosódica, a saber *relation-based* e *end-based*, por não ser o escopo desta pesquisa. Para breve introdução, sugerimos a leitura de Tenani (2017).

coincidem com posições em que as pausas relacionadas com a gramática podem ser introduzidas em um enunciado.[tradução nossa]<sup>10</sup> (Frota, 2000, p. 57)

Com base nesse algoritmo, identificamos quando a fronteira de (I) coincide com a fronteira sintática em que o uso da vírgula é previsto pela gramática que adotamos como referência. No exemplo abaixo, demonstramos o estabelecimento dessa relação entre uma fronteira sintática e uma fronteira prosódica.

- (8) Em segundo lugar, *apesar de os governantes não darem total apoio à isso*, temos condições de cuidar da Amazônia, pois sei que muita gente gostaria de colaborar contra o desmatamento intenso e impedir que invadam nosso patrimônio. (Texto: Z08\_8B\_02F\_02).

Em (8), identificamos o uso convencional de vírgulas em esquema duplo nas fronteiras sintáticas de oração subordinada concessiva deslocada “*apesar de os governantes não darem total apoio à isso*”. Com base no algoritmo de formação de I, as fronteiras sintáticas da oração deslocada correspondem às fronteiras de I. Dessa forma, há presença (convencional) das vírgulas nas fronteiras sintáticas de oração deslocada as quais correspondem à fronteira de I.

Também nos embasamos no algoritmo de reestruturação de I proposto por Nespor e Vogel (1986) e adaptado por Frota (2000) para o português para a identificação de fronteiras prosódicas. Passemos ao algoritmo de reestruturação de I a seguir.

**Reestruturação de I:** (i) reestruturação de uma I básica em duas outras menores, ou (ii) reestruturação de Is básicas em uma I maior. Os fatores que desempenham papel na reestruturação de I: comprimento dos constituintes, de taxa de elocução e estilo interagem com restrições sintáticas e semânticas. [tradução nossa]<sup>11</sup> (Frota, 2000, p. 57)

No exemplo abaixo, demonstramos a aplicação do algoritmo de reestruturação da configuração de I, tendo por base o fator extensão dos constituintes.

---

<sup>10</sup> No original: “I Domain: (i) all the  $\phi$ s in a string that is not structurally attached to the sentence tree (i.e. parenthetical expression, tag questions, vocatives, etc); (ii) any remaining sequence of adjacent  $\phi$ s in a root sentence; (iii) the domain of an intonation contour, whose boundaries coincide with the positions in which grammar-related pauses may be introduced in an utterance.” (Frota, 2000, p. 57)

<sup>11</sup> No original: I Restructuring: (i) restructuring of one basic I into shorter Is, or (ii) restructuring of basic Is into a larger I. Factors that play a role in I restructuring: length of the constituents, rate of speech, and style interact with syntactic and semantic restrictions.

- (9) Todos os dias ouvimos  $\emptyset$  *cada vez mais*  $\emptyset$  sobre a internacionalização da Amazônia, é claro que nós brasileiros devemos cuidar melhor do nosso patrimônio. (Texto: Z08\_8A\_18F\_02).

Em (9), a estrutura sintática da expressão adverbial “cada vez mais” está deslocada. A princípio, analisamos que essa estrutura configura uma I. Entretanto, interpretamos que há outra possibilidade de configuração prosódica: a I “cada vez mais” pode ser reestruturada. Para embasar essa interpretação, tomamos o algoritmo de formação e a extensão da estrutura sintática em questão. Como a estrutura “cada vez mais” é formada por cinco sílabas, configura uma estrutura de curta extensão (Elordieta et al., 2003) e, assim, há a possibilidade de ser reestruturada junto às Is que lhe são adjacentes, ou seja, “cada vez mais” passa a ser parte da I maior. Nesse caso, as ausências das vírgulas se dão justamente quando possível prever a ausência de fronteiras de I.

Levando em consideração tanto a metodologia da análise sintática quanto da análise prosódica, assumimos que a presença do sinal gráfico [,] indica fronteira de I, mas a ausência desse sinal não implica necessariamente ausência de fronteira de I. Passemos à comparação entre os exemplos, a seguir.

- (10) [e depois]I [num futuro mais próximo]I  $\emptyset$ [quem sabe]I $\emptyset$  [nós a internacionalizaremos]I

- (11) [A importância da biodiversidade da Amazônia traz]I  $\emptyset$ [para nós]I $\emptyset$  [uma segurança]I

*Possibilidade de reestruturação:*

- (11') [A importância da biodiversidade da Amazônia traz *para nós* uma segurança] I

Em (10), a estrutura sintática encaixada “quem sabe” configura-se uma I. Nesse caso, ambas as fronteiras, direita e esquerda da estrutura, não estão demarcadas pelas vírgulas duplas. No entanto, essa ausência não significa que não há fronteira de I, pois, mesmo sendo estrutura pequena, porque formada por três sílabas, não é possível a reestruturação quanto ao critério sintático. Interpretamos que as ausências das vírgulas não decorrem de possibilidade de reestruturação prosódica. Nesse caso, classificamos como ausência de vírgulas em fronteiras de I.

Já em (11), a estrutura sintática deslocada “para nós” configura-se uma I. E, como em (10),



não é delimitada pelas vírgulas duplas. Entretanto, há a possibilidade de reestruturação prosódica (identificada em 11'): a estrutura "para nós" é formada por três sílabas, configura uma estrutura pequena e, sintaticamente, há a possibilidade de ser reestruturada junto às Is que lhe são adjacentes, ou seja, a estrutura sintática não é delimitada por fronteiras de I, necessariamente. Nesse caso, a ausência de vírgulas não coincide com fronteiras de I.

Por meio desta descrição da aplicação do algoritmo de I, explicitamos como projetamos possibilidades de atribuição de fronteira de I às fronteiras sintáticas e, por conseguinte, desvinculamos a interpretação de que apenas a presença da vírgula indica a projeção da fronteira prosódica de I. A seguir, tratamos da descrição e análise dos dados selecionados para este artigo.

#### 4. Descrição e análise de dados

Nesta seção, descreveremos, de ponto de vista sintático e prosódico, presenças e ausências de vírgulas em esquema duplo, além de apontarmos tendências quanto a esses empregos em textos do último ano do EF. Consideremos, primeiramente, a Tabela 1, na qual se têm o total de ocorrências (e percentuais) de estruturas com vírgulas em esquema duplo identificadas no conjunto de 381 dados de vírgulas em esquema duplo levantados no conjunto de 205 textos.

Tabela 1 - Tipologia de ocorrências de vírgula em esquema duplo

Tipos de ocorrências	N	%
Presença – presença	48	12,6
Ausência – ausência	263	69,0
Ausência – presença	34	9,0
Presença – ausência	36	9,4
Total	381	100

Fonte: Elaboração própria.

Constata-se que predomina (com 69%) a ausência de vírgulas em ambas as fronteiras das estruturas sintáticas em que vírgulas deveriam ser empregadas. Em menor número de ocorrências, há dados em que vírgulas não são usadas em uma das fronteiras, totalizando 18,4% dos dados, sendo 9,4% de combinação de presença e ausência de vírgulas e 9% de combinação de ausência e presença de vírgulas nas fronteiras investigadas. Todas essas combinações são usos

não convencionais de vírgulas. Em *apenas* 12,5% dos dados, há vírgulas em ambas as fronteiras, classificadas como usos convencionais. Nas próximas subseções, analisaremos essas combinações de presença e ausências de vírgulas em relação às estruturas sintáticas e fronteiras prosódicas.

### 3.1. Vírgulas e estruturas sintáticas

Nesta subseção, descrevemos as ocorrências de vírgulas em relação às estruturas sintáticas investigadas. Apresentamos, na Tabela 2, os usos convencionais e não convencionais da vírgula em esquema duplo em fronteiras sintáticas de deslocamento e encaixamento.

Tabela 2 - Usos de vírgulas e tipos de estruturas sintáticas

Usos de vírgulas	Tipos de estruturas sintáticas		Totais	
	Deslocadas	Encaixadas	N	%
Convencional	12	36	48	12,6
Não convencional	222	111	333	87,4
Totais	234	147	381	100,0

Fonte: elaboração própria

Constata-se que, no corpus investigado, são mais recorrentes estruturas sintáticas deslocadas (61,4%) do que de encaixadas (38,6%). No entanto, em ambos os contextos sintáticos, prevalece o uso não convencional da vírgula. No conjunto de estruturas deslocadas, são 5,12% (12/234) de usos convencionais e 94,87% (222/234) de usos não convencionais, ou seja, os usos não convencionais são mais de dezoito vezes maiores. No conjunto de estruturas encaixadas, as ocorrências convencionais são 24,5% (36/147) e as não convencionais 75,5% (111/147), sendo estas pouco mais do que o triplo em relação aos usos convencionais. Dessa forma, em nenhuma das estruturas, sejam deslocadas sejam encaixadas, os alunos tendem a empregar as vírgulas convencionalmente, mas há mais usos convencionais em encaixadas.

Na Tabela 3, mostramos os números e os percentuais das tipologias de combinação de presença-ausência das vírgulas em cada uma das estruturas sintáticas encontradas no corpus.

Tabela 3 - Tipologia de ocorrências de vírgula em estruturas sintáticas

TIPOS DE OCORRÊNCIAS	Tipos de estruturas sintáticas		Total	
	Deslocadas	Encaixadas	N	%
Presença-presença	12	36	48	12,6
Ausência-ausência	188	75	263	69,0
Ausência-presença	17	17	34	9,0
Presença-ausência	17	19	36	9,4
Total	234	147	381	100,0

Fonte: Elaboração própria.

Na Tabela 3, confrontam-se os dados das duas tabelas anteriores de modo a se visualizar em que estruturas sintáticas há maior ausência de vírgulas. Observam-se essas ausências nos seguintes casos:

- a ausência das vírgulas nas fronteiras direita e esquerda da estrutura sintática (ausência-ausência) predomina (69%) no total de dados analisados, mas 71,5% (188/263) dessas ausências são em fronteiras de estruturas deslocadas e 28,5 % (75/263) em fronteiras de encaixadas;
- a combinação ausência-presença de vírgulas tem mesmo número de ocorrências em estruturas deslocadas e encaixadas;
- a combinação presença-ausência de vírgula tem praticamente o mesmo número de ocorrências em estruturas deslocadas e encaixadas, com apenas duas ocorrências a mais em fronteiras de encaixadas.

Dessa descrição, constata-se a concentração de ausências de vírgulas em estruturas deslocadas, chegando a 80,3% (188/234) nesse subconjunto de dados, enquanto as ausências representam 51% (75/147) em estruturas encaixadas. Ainda considerando o subconjunto de estruturas, verifica-se que uma das vírgulas está ausente em 14,5% (34/234) das estruturas deslocadas e em 24,5% (36/147) das estruturas encaixadas. Essas comparações embasam nossa interpretação de que estruturas deslocadas predominantemente não têm suas fronteiras delimitadas por vírgulas na amostra de textos do gênero argumentativo, enquanto as estruturas encaixadas têm mais ocorrências de vírgulas em ao menos uma de suas fronteiras.

Passamos, na próxima subseção, à análise prosódica dessas estruturas a fim de identificar

potencial relação entre essas ausências e presenças de vírgulas nas fronteiras sintáticas descritas, considerada a organização prosódica dos enunciados.

### 3.2 Vírgulas e estruturas prosódicas

Nesta subseção, fazemos a descrição das características das estruturas prosódicas investigadas na amostra de textos selecionadas. Na Tabela 4, mostramos os usos convencionais e não convencionais da vírgula em esquema duplo em relação à fronteira de frase entoacional, domínio que se mostrou o mais relevante no conjunto de dados e segundo estudos anteriores.

Tabela 4 - Vírgulas e tipos de estruturas prosódicas

Usos de vírgulas	Tipos de estruturas prosódicas		Totais	
	Fronteira de I	Não fronteira de I	N	%
Convencional	39	9	48	12,6
Não convencional	182	151	333	87,4
Totais	221	160	381	100,0

Fonte: Elaboração própria.

No que concerne aos usos convencionais de vírgula, 10,2% do total (39/381) são vírgulas em fronteira de I. Esses dados correspondem a 81,2% (39/48) dos usos convencionais da vírgula. Esse resultado sugere correlação entre fronteira de I e presença de vírgula. No entanto, vale observar os dados não convencionais que correspondem a 87,4% dos dados. Quanto a esse conjunto de usos não convencionais, contabilizamos 54,65% (182/333) deles em fronteira de I e 45,34% (151/333) em fronteiras diferentes de I. Portanto, haver potencial fronteira de I não implica presença de vírgula. Nesses casos, quando interpretamos ser possível a reestruturação das fronteiras de I, a partir do algoritmo proposto por Frota (2000) para o português, a ausência da vírgula coincidiu com ausência de fronteira de I, como vamos detalhar na próxima seção. Faz-se relevante problematizar que, nos contextos de fronteiras distintas de I, totalizam-se 42,1% (160/381) dos dados, sendo 17 vezes maior os usos não convencionais: são 94,37% (151/160) usos não convencionais e apenas 5,63% (9/160) de usos convencionais.

A fim de promover um detalhamento desses dados em relação à dimensão prosódica da vírgula em esquema duplo, apresentamos, na Tabela 5, os números e os percentuais da tipologia

de combinação de presença e ausência da vírgula em relação à fronteira prosódica.

Tabela 5 - Tipologia de ocorrências de vírgula em fronteiras prosódicas

Tipos de ocorrências	Fronteira de I	Não fronteira de I	Total	
			N	%
Presença-presença	39	9	08	12,6
Ausência-ausência	132	131	263	69,0
Ausência-presença	25	9	34	9,0
Presença-ausência	25	11	36	9,4
Total	221	160	381	100

Fonte: Elaboração própria.

Os dados da Tabela 5, que resultam do confronto das tabelas 3 e 4, permitem observar, quanto a essas ausências de vírgulas, que:

- Dentre o conjunto de casos de ausência de vírgulas nas fronteiras direita e esquerda da estrutura sintática (ausência-ausência), que totaliza 69% dos dados, há praticamente distribuição semelhante entre dados em fronteira de I, com 34,6% (132/381) e dados em que não corresponde a fronteira de I com 34,4% (131/381), mas cabe destacar que essas ausências representam 59,7% (132/221) no conjunto de dados em fronteira de I e chegam a 81,8% (131/160) no conjunto de dados em que as fronteiras são diferentes de I. Esses resultados percentuais sugerem que as ausências de vírgula são mais frequentes quando estão em jogo fronteiras de domínios inferiores à frase entoacional na hierarquia prosódica.
- Ha uma baixa porcentagem de usos de vírgulas (18,4%) em apenas uma das fronteiras (ausência-presença, 9%; presença-ausência, 9,4%), sendo que 71,4% (50/70) dessas combinações coincidem com fronteira de I.

A descrição ora apresentada sugere a importância da fronteira de I para estabelecer relação entre presença e ausência de vírgula e prosódia, notadamente quando considerada a reestruturação da fronteira do domínio I. Na próxima subseção, detalharemos, por meio de análise de exemplos, como essas presenças e ausências de vírgula estão relacionadas à configuração prosódica dos enunciados.

### 3.3. Vírgulas e estruturas sintáticas e prosódicas

Nas seções anteriores, descrevemos o emprego de vírgulas em esquema duplo em dois contextos sintáticos e classificamos as estruturas em deslocadas e encaixadas, sendo que, em ambos os contextos, prevalece o uso não convencional da vírgula em esquema duplo, representando 87,3% dos dados, ou seja, no nono ano do EF, os usos da vírgula tendem a ser não convencionais. Também prevalece a ausência da vírgula nas duas fronteiras sintáticas (ausência-ausência), representando 69% dos dados.

Visando avançar na descrição dos dados, passamos a detalhar cada tipo de combinação de ausência e/ou presença da vírgula em esquema duplo em relação à fronteira de I nos exemplos a seguir: os primeiros quatro exemplos, são fronteiras de I quando a estrutura sintática for deslocada e, nos quatro seguintes, fronteiras de I quando a estrutura sintática for encaixada. Em seguida, fazemos a análise dos dados.

a) Exemplos de estruturas deslocadas e fronteira de I:

- Tipo: presença-presença de vírgula

(12) [Em segundo lugar], I [apesar de os governantes não darem total apoio à isso], I [temos condições de cuidar da Amazônia], I [pois sei que] I [muita gente gostaria de colaborar contra o desmatamento intenso] I [e impedir que invadam nosso patrimônio] I. (Texto: Z08\_8B\_02F\_02)

- Tipo: ausência-ausência de vírgula

(13) [O Brasil deveria cuidar um pouco mais desse bem, ] I [pois] I ∅[com a falta da Amazônia]∅ I [o mundo todo sofreria com o ecossistema] I. (Texto: Z08\_8A\_04F\_02)

- Tipo: ausência-presença de vírgula

(14) [Nós temos o incrível “poder” de destruição, ] I [mas] I ∅[se acordarmos agora], I [ainda teremos uma chance e conseguiremos reverter esse processo], I [que pode custar a vida de um filho ou neto, na próxima geração] I. (Texto: Z08\_8C\_02F\_05)

- Tipo: presença-ausência de vírgula

(15) [A Amazônia é do Brasil e devemos preservá-la], I [como diz Cristovam Buarque] I [pensemos no futuro pois] I [se internacionalizarmos a Amazônia hoje], I [no futuro]∅ I [quem sabe] I [o mundo inteiro estará internacionalizado] I. (Texto: Z08\_8A\_18F\_02)

b) Exemplos de estruturas encaixadas e fronteira de I

- Tipo: presença-presença de vírgula

(16) [Joham Eliash], I [conselheiro do primeiro-ministro do Reino Unido], I [em outubro de 2005], I [comprou]I. (Texto: Z08\_8A\_24M\_02)

- Tipo: ausência-ausência de vírgula

(17) [A amazônia é um dos bens mais preciosos do Brasil e] I ∅[creio eu]∅ I [do mundo], I [pela sua diversidade de animais], I [plantas], I [minerais e afins] I. (Texto: Z08\_8C\_04F\_02)

- Tipo: ausência-presença de vírgula

(18) [A floresta é considerada o pulmão do mundo] I [porque ela tem muito oxigênio] ∅ [graças as suas árvores], I [e também tem uma grande biodiversidade] I. (Texto: Z08\_8B\_34M\_02)

- Tipo: presença-ausência de vírgula

(19) [É errada a forma como nós], I [os seres humanos]∅ I [desfrutamos de tudo o que é dado a nós pela natureza], I [sabemos que podemos mudar esta situação com os devidos cuidados] I. (Texto: Z08\_8A\_18F\_05)

Em (12), o enunciado delimitado por vírgulas (em itálico) constitui uma I que, dada sua longa extensão (20 sílabas), não é passível de reestruturação. Nos limites da I, foram empregadas vírgulas convencionalmente. Outro cenário se observa nos demais exemplos. Em (13), a possível aplicação do algoritmo de reestruturação de I (cf. seção 2) a “com a falta de Amazônia” leva a uma única I a sentença “pois com a falta da Amazônia o mundo todo sofreria com o ecossistema”. As ausências de vírgulas se verificam quando é possível prever a ausência de fronteiras de I. Em (14), a curta extensão da I “mas”, formada por uma única sílaba, favorece a reestruturação do

constituente com a I adjacente de modo a gerar uma nova I: “mas *se acordarmos agora*”. Cabe notar que não é possível reestruturar a fronteira direita da estrutura em análise (em itálico no exemplo), dada a longa extensão da I. A ausência de vírgula se dá justamente onde é prevista a ausência da fronteira de I e a presença, onde não é prevista a reestruturação da fronteira. Em (15), a curta extensão da estrutura “no futuro”, formada por quatro sílabas, favorece a reestruturação com a I que lhe é adjacente à direita de modo a gerar uma nova I: “no futuro quem sabe”, embora não haja relação sintática entre “no futuro” e “quem sabe” que atenda a critérios de reestruturação, pois “quem sabe” é estrutura encaixada. Pela extensão curta, também poderia haver reestruturação à fronteira esquerda de “no futuro” e, possivelmente, a ausência de vírgula. Porém, a relação semântica de contraste entre “hoje” e “no futuro” favorece a presença da vírgula, sinal que representa essa relação entre as porções do enunciado delimitadas por vírgula: “se internacionalizarmos a Amazônia hoje, *no futuro* quem sabe”. Dessa análise, verifica-se a relevância da configuração do enunciado quanto ao seu tamanho, fator de natureza fonológica, e quanto às relações semântico-pragmáticas, como a proeminência contrastiva.

Passamos à análise prosódica dos exemplos em que as estruturas encaixadas são, ou deveriam ter sido, delimitadas por vírgulas em esquema duplo. Em (16), a estrutura encaixada “conselheiro do primeiro-ministro do Reino Unido” é convencionalmente delimitada por vírgulas. Sua longa extensão (17 sílabas) favorece a configuração de uma única I. Diferentemente de (16), a estrutura encaixada em (17) tem três sílabas e possivelmente essa curta extensão favoreça a reestruturação prosódica e, por conseguinte, a ausência das vírgulas nos seus limites. O tamanho das estruturas em (18) parece não se apresentar como fator atuante, uma vez que a estrutura encaixada “graças as suas árvores” é de longa extensão (tem oito sílabas) e também é longa a estrutura precedente “porque ela tem muito oxigênio” (11 sílabas). A ausência da vírgula entre essas estruturas se mostra motivada pela relação semântica entre elas: é graças às suas árvores que a floresta tem muito oxigênio. Desse modo, é possível prever uma reestruturação entre I<sub>s</sub> pela relação semântica do tipo causa e consequência entre as estruturas que deveriam ser delimitadas por vírgula. Também o tamanho e a relação semântica entre as estruturas se mostram importantes para a análise de (19): a estrutura encaixada “os seres humanos” é de curta extensão, seguida de estrutura de longa extensão (20 sílabas), e entre elas não há vírgula; a estrutura encaixada é precedida de “é errada a forma como nós”, que é de longa extensão (10 sílabas), e poderia estar sujeita à reestruturação de I e, por conseguinte, não haver vírgula, porém há vírgula. Está em jogo, nesse caso, fator de natureza semântica: a proeminência contrastiva em “nós” é



representada pela vírgula, identificados como os responsáveis pelo desfrute errado da natureza, na perspectiva do escrevente do texto.

### Considerações finais

Este artigo teve como objetivo central identificar e descrever presenças e ausências de vírgulas em esquema duplo em textos argumentativos de alunos de 13-14 anos, à época da coleta, que cursavam o nono ano do Ensino Fundamental. Antes de apresentar dados e análises, traçamos um breve percurso histórico acerca da pontuação e retomamos o fato de esta já ter sido subordinada à leitura em voz alta. Esse elo entre pontuação e leitura em voz alta remete-nos à afirmação de que vírgula indica pausa e, também, de que quando há pausa na fala, há vírgula na escrita. Essas afirmações se embasam em certa visão de leitura como decodificação e escrita como codificação do fônico no gráfico, ou seja, uma relação direta entre o fônico e o gráfico. Essa visão tradicional ancorada na materialidade das modalidades linguísticas embasa a interpretação dos usos não convencionais da vírgula como erros de pontuação decorrentes da indesejada interferência da fala na escrita. Entretanto, ponderamos com Soncin (2014, p. 30) que: “[...] pausa é um fato de fala que se mostra na escrita e que não constitui a escrita, por exemplo, na ideia do que seja pontuar a escrita com vírgula”.

Alternativamente, a vírgula foi analisada como marca de que o escrevente, nos termos de Corrêa (2004), estabelece relação entre fala e escrita enquanto modos de enunciação vinculados a práticas orais e letradas. O ganho teórico-analítico dessa perspectiva está em se distanciar da necessária correlação entre vírgula e pausa. Na análise, estabelecemos relação entre vírgula e fronteira prosódica de frase entoacional, tendo este constituinte sido atribuído aos enunciados escritos a partir de algoritmo de formação (e de reestruturação) que estabelece a interface sintaxe e fonologia, conforme proposta no modelo *relation-based* da Fonologia Prosódica. Por meio dessa abordagem analítica, asseguramos relação com a sintaxe dos enunciados, característica fundamental para descrever o funcionamento da vírgula. Acrescenta-se que nos valem do algoritmo de reestruturação de fronteiras de domínio para projetar possibilidades de interpretação da configuração prosódica dos enunciados escritos, notadamente, considerando a atuação da extensão das estruturas (definida em termos de número de sílabas) em interação com restrições sintáticas e semânticas.

Para a análise dos empregos de vírgula em esquema duplo, foram classificadas as

estruturas em deslocadas e encaixadas em relação à ordem sintática direta da sentença no português. Os resultados descritos indicam que, seja em estruturas deslocadas seja em estruturas encaixadas, predomina a ausência da vírgula tanto na fronteira direita quanto na fronteira esquerda da estrutura sintática identificada. Entretanto, mais da metade dos usos não convencionais (ausência-ausência) ocorre em estruturas deslocadas, sendo essa a estrutura sintática que se mostra como a menos reconhecível pelos alunos como contexto para colocação de vírgulas. A partir da análise em constituintes prosódicos, identificamos que a frase entoacional (I) é o principal domínio a que vinculam as fronteiras sintáticas definidas para os usos da vírgula. Quando a vírgula é utilizada convencionalmente, geralmente, há coincidência do sinal gráfico com uma fronteira de I nos textos de gênero argumentativo, confirmando os achados de Carvalho (2019) para textos do gênero relato.

Explicitamos que este artigo se limitou a explorar a análise dos enunciados a partir de apenas um constituinte prosódico, sendo relevante ampliar a investigação a estruturas que não necessariamente há, de início, a configuração de uma frase entoacional. Esse desenvolvimento da investigação está em curso pelas autoras deste artigo, incluindo, inclusive, análises estatísticas que possam amparar os resultados quantitativos ora descritos. Outra lacuna a ser preenchida é relativa às presenças e ausências da vírgula em diferentes gêneros textuais. Os resultados de Carvalho (2019) sobre vírgulas em textos do gênero relato e os resultados ora descritos com base em textos do gênero argumentativo sugerem que as tendências de ausências e presenças da vírgula são semelhantes em ambos os gêneros. Resta, pois, realizar investigação por meio da qual possa se mensurar as presenças e ausências de vírgulas em diferentes contextos sintáticos e em textos pertencentes a diferentes gêneros textuais dos mesmos alunos a fim de confirmar ou refutar o papel dos gêneros nos usos da vírgula.

Por fim, destacamos que este trabalho permitiu-nos observar que os textos de alunos do último ano do EF revelam que, ao pontuar, não apenas são mobilizadas regras sintáticas, mas, também, organização prosódica dos enunciados; ficando evidente, assim, a diferença do lugar de fala desse aluno e do professor, estando aqueles ancorados fortemente na prosódia e este, na sintaxe dos enunciados. Acrescenta-se que a sintaxe dos textos dos alunos está distante daquela apresentada em textos didáticos, por exemplo, onde se encontram uma sintaxe próxima da prevista pela gramática normativa. Nesse sentido, este trabalho dialoga com o contexto escolar, na medida em que acena com a possibilidade de, no ensino da vírgula, serem consideradas as estruturas sintáticas empregadas pelos alunos que guardam forte relação com suas práticas orais.

Reiteramos, por meio da argumentação desenvolvida, a importância de tomar a vírgula “como um sinal de pontuação que, embora (...) gráfico, é marca linguística de processos simbólicos que se efetivam na escrita por meio da relação com a oralidade, particularmente por meio do domínio prosódico”, como defendem (Soncin e Tenani, 2015, p. 476).

## Referências

- ANIS, J. Pour une graphématique autonome. *Langue française*. Paris, v. 59, p. 31-44, 1983.
- ARAÚJO-CHIUCHI, A. C. *Os usos não-convencionais da vírgula em textos de alunos da quinta série do Ensino Fundamental*. 2012. 91f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. São José do Rio Preto, 2012.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 38 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [1999] 2015.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CARVALHO, T. G. *Usos de vírgulas em textos do Ensino Fundamental II: um estudo longitudinal*. 2019. 173f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. São José do Rio Preto, 2019.
- CASTILHO, A. T. de. *Nova Gramática do Português falado*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- CATACH, N. *La Ponctuation*. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.
- CHAFE, W. *Punctuation and the prosody of written language* (Technical Report n. 11). Berkeley: Center for the study of writing, 1987
- CORRÊA, M. L. G. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CUNHA, C. F.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DAHLET, V. Pontuação, Língua, Discurso. In: *Estudos Linguísticos, Anais de Seminários do GEL, XXIV*. São Paulo: USP, p. 337-340, 1995.
- DAHLET, V. *As (man)obras da pontuação: usos e significações*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- ELORDIETA, G. et al. Effects of constituent length and syntactic branching on intonational phrasing in Ibero-Romance. In: *Proceedings of the 15th international congress of phonetic sciences*. Causal Productions Barcelona, 2003. p. 487-490.
- SÃO PAULO (Estado). *Primeiro relatório estadual de acompanhamento dos objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS) no PPA 2016-2019*. São Paulo: SEADE, FAPESP, 2019. Disponível em: <https://www.seade.gov.br/relatorio-analisa-os-ods-do-estado-de-sao-paulo/> e <http://fapesp.br/publicacoes/odssp.pdf>. Acesso em: 30 maio 2020.
- FROTA, S. *Prosody and focus in European Portuguese: Phonological phrasing and intonation*. New York: Garland Publishing, 2000.
- LUFT, C. *A vírgula: considerações sobre o seu ensino e o seu emprego*. São Paulo: Ática, 1998.

ILARI, R. A categoria advérbio na gramática do português falado. *Alfa*, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 151-174, 2007.

NESPOR, M; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

PACHECO, V. *Investigação fonético-acústico-perceptual dos sinais de pontuação enquanto marcadores prosódicos*. 2003. 131f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

PROPOSTA CURRICULAR DO ESTADO DE SÃO PAULO: Língua Portuguesa–ciclo II. Coord. Maria Inês Fini. São Paulo: Secretaria Estadual da Educação, 2008. Disponível em: [www.rededosaber.sp.gov.br/portais/Portais/19/arquivos/Prop\\_LP\\_COMP\\_red\\_md\\_20\\_03.pdf](http://www.rededosaber.sp.gov.br/portais/Portais/19/arquivos/Prop_LP_COMP_red_md_20_03.pdf) Acesso em 24 maio 2020.

ROCHA, I. L. V. O sistema de pontuação na escrita ocidental: uma retrospectiva. *DELTA*, São Paulo, v. 13, p. 83-118, 1997.

ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 27ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

SONCIN, G. C. N. Os usos da vírgula em textos de alunos da última série do ensino fundamental. 2008. 71f. *Relatório Final da Bolsa de Iniciação Científica da FAPESP*. FAPESP: Proc. 08/04683-7. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2008.

SONCIN, G. C. N. Língua, discurso e prosódia: investigar o uso da vírgula é restrito? Vírgula!. 2014. 311f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. São José do Rio Preto, 2014.

SONCIN, G. C. N.; TENANI, L. Emprego de vírgula e prosódia do Português Brasileiro: aspectos teórico-analíticos e implicações didáticas. *Filol. Linguíst. Port.* São Paulo, v. 17, n.2, p. 473-493, jul./dez. 2015.

TENANI, L. *Domínios prosódicos no português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos*. 2002. 317f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

TENANI, L. Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II. Disponível em: <http://www.convenios.grupogbd.com/redacoes/Login>. 2015.

TENANI, L. Fonologia e escrita: possíveis relações e desafios teórico-metodológicos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, p. 581-597 –set./dez. 2017.

TENANI, L. *Prosódia e escrita: uma análise a partir de (hiper) segmentações de palavra*. 2016. 171f. Tese (Livre-docência em Fonologia) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, São José do Rio Preto, 2016.

TENANI, L.; LONGHIN-THOMAZI, S. R. Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção Textual no Ensino Fundamental. *Em Extensão*. Uberlândia, v. 13, n. 1, p. 20-34, 10 jul. 2014.